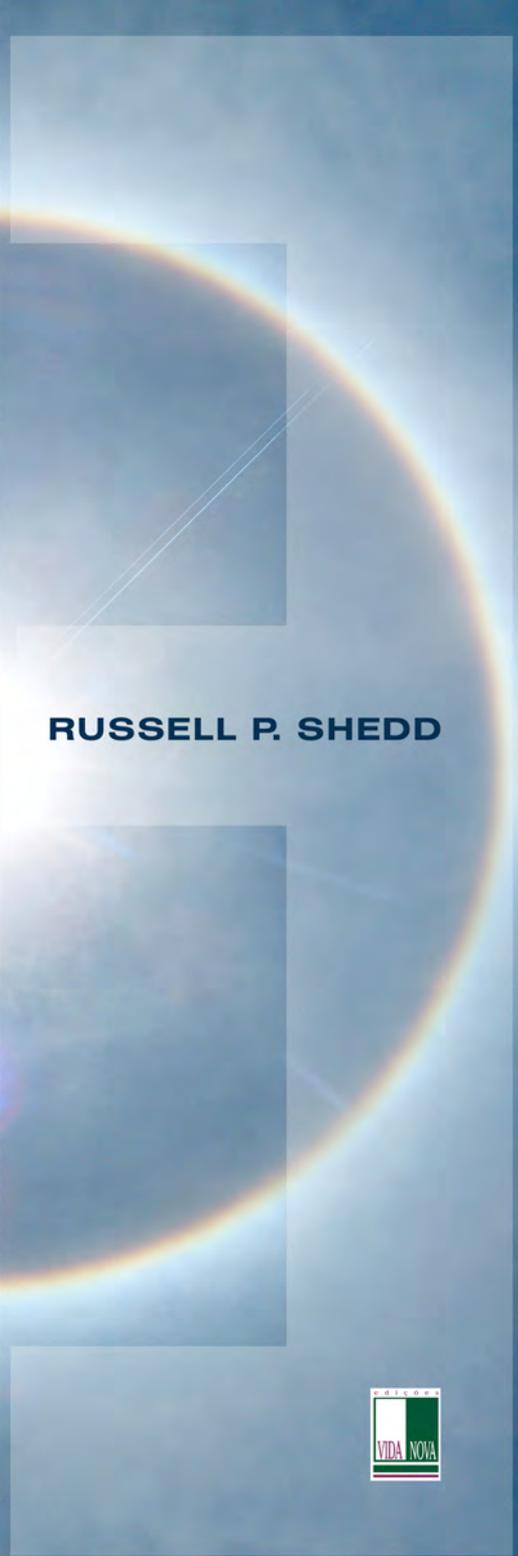




ESCATOLOGIA
DO NOVO TESTAMENTO



RUSSELL P. SHEDD





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O PROBLEMA HERMENÊUTICO	11
2. ESCATOLOGIA NOS EVANGELHOS	25
3. ESCATOLOGIA EM ATOS E NAS EPÍSTOLAS	39
4. A ESCATOLOGIA DE APOCALIPSE	51
CONCLUSÃO	91



INTRODUÇÃO

A insegurança de nossos dias continua provocando um crescente interesse pelos “fins dos tempos”. O anseio que o cristão sente para “saber os tempos e as estações” não é fenômeno apenas do século XX. O povo de Israel há mais de dois mil anos já ouvia a voz dos profetas os quais anunciavam que a justiça de Deus haveria de por fim a todos os males. Naquele dia o Senhor visitaria os ímpios com justiça e os castigaria, segundo a aplicação da lei divina (Jr 6.15; 10.15; 46.21; 51.6), enquanto para o verdadeiro povo de Deus haveria salvação eterna (Sl 80.16; 105.3; Sf 3.16, 19). O livro dos Jubileus manifesta a esperança do fim dessa era e o início de uma nova. (*eschaton kairos*). A compreensão cristã do fim é escatológica, dividindo-se em duas fases: primeira, o advento de Jesus Cristo, que ocorreu há mais de dois mil anos, culminando com sua parúsia ou a segunda vinda em um futuro desconhecido.

Segundo o Novo Testamento, o fim (*eschaton*) foi inaugurado com a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Messias. Os “últi-

mos dias” (Hb 1.2) já começaram. Paulo afirma: “Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho” (Gl 4.4), apontando para o início de uma nova época.

Sobre essa assunto, declara H. C. Hahn:

O fator decisivamente novo e constitutivo para qualquer conceito cristão de tempo é a convicção de que, com a vinda de Cristo um *Kairos* único surgiu — pelo qual todo o tempo está determinado.¹

As afirmações do *Magnificat* (Lc 1.46-55) e do *Benedictus* (Lc 1.68-79), bem como da pregação de João Batista revelam esse mesmo ponto de vista, como destacou Joachim Jeremias:

A mensagem que Jesus pregou anunciava: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo” (Mc 1.15). A intervenção divina já estava sendo manifestada ali — logo a catástrofe que acompanhará o fim do dia do Senhor, deverá ser aguardada. Urge utilizar bem o tempo (os *kairos*) antes que seja tarde, pois é uma questão de vida ou morte!²

Essa nova era é caracterizada pela graça, conforme as profecias do Antigo Testamento. Deus dá oportunidade para o arrependimento até o fim (Rm 3.21; 16.25; Ef 3.8; Cl 1.26). Aquele que pela fé e compromisso de obediência aceitar a Jesus como Senhor agora, receberá a vida eterna (“vem a hora, e já chegou”; Jo 5.25). Assim entendemos a linguagem de Paulo “eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação” (2Co 6.2).

Com a encarnação, a paixão e a ressurreição de Cristo, a antiga era (*aión*) fatalmente está condenada e sentenciada, mas não terminada. O tempo presente de justiça divina é o tempo completo de Deus, em

¹ “Time”. *New International Dictionary of New Testament Theology*, p. 837.

² *New Testament Theology*, I, p. 139.

que ele oferece seu favor redentor a todos que renunciam a antiga era, crêem no Senhor da nova era e se batizam em seu nome. Desse modo, identificam-se com o novo povo de Cristo, como afirma o apóstolo Paulo: “E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram, eis que se fizeram novas” (2Co 5.17).

O intervalo entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo, reconhecido como o período da graça salvadora, é, igualmente, tempo de crise, justamente porque quem não recebe o convite para salvar-se desta amaldiçoada geração será condenado com ela (Lc 3.7). Deus não revelou em parte alguma quando o intervalo da graça terminará (Mc 13.32). Apesar disso, muitos tentaram determinar uma data específica.³ A ira de Deus há de vir sobre os que não estiverem preparados, assim como aconteceu com os contemporâneos de Noé quando ocorreu o dilúvio (Mt 24.38). O relógio de Deus não pára. Ninguém tem condições de precisar a hora em que seu “despertador” soará, desencadeando o furor da justiça sobre toda iniquidade humana.

Afirmar essa posição quanto ao tempo da vinda de Cristo não encerra o assunto. O Novo Testamento tem muito a dizer sobre a escatologia, oferecendo um vasto campo para os intérpretes da Bíblia criarem seus sistemas ou quadros sobre o fim.

³ Como Guilherme Miller, no século XIX, e Hal Lindsay, no XX.



CAPÍTULO 1

O PROBLEMA HERMENÊUTICO

A questão fundamental da interpretação (hermenêutica) explica em grande parte a divergência sobre a escatologia que caracteriza o mundo evangélico. Diferenças sobre escatologia na compreensão do significado das passagens bíblicas têm conduzido estudiosos a diferentes posições. Uma das figuras não evangélicas mais notáveis da geração passada foi Albert Schweitzer. Em *A busca do Jesus histórico*, ele desafiou os intérpretes idealistas alemães de sua época, acusando-os de entenderem erroneamente (intencionalmente?) o que a Bíblia apresenta no campo da escatologia. O modo de Schweitzer interpretar a Bíblia tornou-se novamente popular. Procurou se, mais uma vez, interpretar o ensino escatológico de Jesus “realisticamente”.¹

Se cremos que Jesus e os apóstolos comunicaram a verdade, concordamos com Schweitzer que devemos entender as palavras deles com o sentido que queriam comunicar, em vez de simplesmente espi-

¹ Cf. ERICKSON, M. J., *Opções contemporâneas na escatologia*, p. 19-25.

ritualizar seus ensinamentos sobre o futuro. Infelizmente, Schweitzer concluiu: Jesus foi um apocalíptico iludido, que esperava um fim cataclísmico, por meio do qual o reino de Deus seria inaugurado. Nada disso nos encanta, tampouco nos convence. Quem crê em Cristo confia na veracidade do seu ensino.

Pouco depois surgiu a “escatologia realizada”, de Charles Dodd, que procurou convencer seus leitores de que a escatologia encontrada no Novo Testamento era mais do que um cumprimento da expectativa profética da esperança do Antigo Testamento. O reino de Deus, prometido nas Escrituras, já chegou em Jesus. Após sua exaltação, ele reina na glória. As promessas sobre o fim foram cumpridas na época de Jesus para a elucidação da visão que o Novo Testamento apresenta sobre o futuro.²

Ainda que algumas idéias de Dodd tenham sido benéficas, o mundo evangélico de hoje está convencido de que nem toda a escatologia se realizou. Há mais para acontecer, muito mais. O pensador evangélico George Ladd alcançou o ponto de vista de Cristo e dos apóstolos, quando divulgou a posição que ele chama de “escatologia inaugurada”. Essa posição acuradamente apresenta o período da encarnação de Cristo, sua vida, paixão e exaltação, o derramamento do Espírito e a inclusão dos gentios no novo Israel, como o cumprimento das predições dos profetas do Antigo Testamento (Lc 24.25, 32, 44). Assim, o reino veio na pessoa de Jesus Cristo e seu ministério, legitimamente, mas não integralmente. Ainda há mais para se cumprir quando o parcial cederá à totalidade do fim (*telos*). Desse modo, a visão que temos da promessa divina como por um espelho será substituída pela realidade do encontro face a face que Paulo chama “o perfeito” (*teleion*; 1Co 13.10).

Todas as posições escatológicas apresentam complicações na área da interpretação da Bíblia. As variadas maneiras de entender a profecia preditiva mostram que os que tentam explicar as numerosas passagens escatológicas têm atitudes divergentes quanto à legitimidade de certos métodos de sustentar interpretações que não são suas.

² Ibid., p. 26-7.



Crises econômicas desestabilizam nosso continente. Conflitos alastram-se pelo Oriente Médio. Uma guerra química ou biológica torna-se uma possibilidade cada vez mais ameaçadora.

O terrorismo e a violência urbana são feridas abertas para as quais não se consegue encontrar uma cura. Vivemos uma era em que a insegurança aumenta diariamente, diante das incógnitas de um futuro que parece fugir ao controle do homem.

Os cristãos, que crêem na veracidade da Bíblia, querem, ardentemente, saber em que pé estamos. O Novo Testamento tem muito a dizer acerca do fim. A vinda de Cristo é a esperança bendita, principalmente para aqueles que entendem as profecias bíblicas. Nossa posição não é a de espectadores que acompanham o jogo à distância, mas sim a de participantes no drama escatológico.

Neste livro, a intenção do autor é mostrar o quadro geral dos eventos que encerrarão esta era, pois ele crê firmemente que a finalidade de Deus, ao partilhar informações acerca do fim, foi incentivar seus filhos a se esforçarem em "apressar" a vinda do Senhor.

RUSSELL P. SHEDD, Ph.D., É fundador de Edições Vida Nova, conferencista internacional e pastor. Intensamente preocupado com a educação teológica e a formação de líderes para a igreja brasileira e dos países de língua portuguesa, foi durante mais de 40 anos professor de Novo Testamento nas melhores escolas teológicas de São Paulo e tem escrito inúmeras obras publicadas por Edições Vida Nova e pela Shedd Publicações.

ISBN 85-275-0388-9



9 788527 503889 >

Trocaje bíblica gráfica


VIDA NOVA
www.vidanovacom.br